



Universidade Federal
de São João del-Rei

GEOGRAFIA

Rafael César Costa Silva

**DESAFIOS E TENDÊNCIAS PARA O ESTUDO DAS CIDADES PEQUENAS
EM GEOGRAFIA: breves notas**

São João del-Rei/MG

Novembro/2018

Rafael César Costa Silva

**DESAFIOS E TENDÊNCIAS PARA O ESTUDO DAS CIDADES PEQUENAS
EM GEOGRAFIA: breves notas**

Monografia apresentada à Coordenadoria do Curso de Geografia da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Roberto Toledo

Coorientadora: Prof.^a. Dr.^a Francielle da Silva Cardozo

São João del-Rei/MG

Novembro/2018

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Biblioteca (DIBIB)
e Núcleo de Tecnologia da Informação (NTINF) da UFSJ,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586d Silva, Rafael Cesar Costa.
DESAFIOS E TENDÊNCIAS PARA O ESTUDO DAS CIDADES
PEQUENAS EM GEOGRAFIA : breves notas / Rafael Cesar
Costa Silva ; orientador Marcio Roberto Toledo;
coorientadora Francielle da Silva Cardozo. -- São
João del-Rei, 2018.
38 p.

Trabalho de Conclusão (Graduação - Geografia) --
Universidade Federal de São João del-Rei, 2018.

1. Cidades Pequenas. 2. Geografia Urbana. 3.
Tendências. 4. Desafios. I. Toledo, Marcio Roberto,
orient. II. Cardozo, Francielle da Silva, co-orient.
III. Título.

**DESAFIOS E TENDÊNCIAS PARA O ESTUDO DAS CIDADES PEQUENAS EM
GEOGRAFIA: breves notas**

BANCA EXAMINADORA:

Marcio R. Toledo

Prof. Dr. Márcio Roberto Toledo

Orientador

Francielle da Silva Cardozo

Prof.ª Dr.ª Francielle da Silva Cardozo

Coorientadora

Tatiane Marina Pinto de Godoy

Prof.ª Dr.ª Tatiane Marina Pinto de Godoy

Avaliadora

São João del-Rei, 09 de Novembro de 2018.

Dedicatória:

À minha família pela força e torcida;

Ao meu tio Valdir (in memorian) pelo exemplo;

Aos meus amigos pela cumplicidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse ao longo de minha vida, e não somente nestes anos como universitário, mas que em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer;

À Universidade Federal de São João del-Rei pela oportunidade de fazer o curso que sempre almejei e que propôs a janela que hoje vislumbro um horizonte superior;

Ao meu orientador Prof. Márcio Roberto Toledo pela orientação, apoio e confiança, desde as Iniciações Científicas até o TCC, onde seu empenho dedicado à elaboração do trabalho foi valioso;

À Prof^ª. Tatiane Godoy pelas inúmeras dúvidas sanadas urgentemente e no apoio na elaboração deste trabalho;

Aos demais professores: Ana Carolina Costa, André Negreiros, Björn Gücker, Carla Juscélia, Eder Carneiro, Francielle Cardozo, Gabriel Pereira, Iola Boëchat, Ivair Gomes, Larissa Marinho, Leonardo Rocha, Lígia Aguiar, Marcos Oliveira, Marília Oliveira, Múcio Figueiredo, Sílvia Ventorini, Thiago Santos e Vicente Leão, por ter me proporcionado o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional;

À secretária do curso, Wânia Longatti, pelas conversas durante o período de graduação;

Aos meus pais Carlos e Valéria, meus irmãos Ana Carla e Carlos Vilmar e a toda minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida;

Ao colega Jonathas Piassi, companheiro na época de pré-vestibular, pela ajuda na escolha do meu curso e motivação constante, que foi característica marcante em nossa amizade, onde pelo destino da vida cada um seguiu seus ideais. Todavia, fica aqui registrada minha gratidão;

E aos meus amigos de curso, especialmente Gustavo Zanin, Laura Soares, Mariana Deluchi, Nayane Lopes e Raquel Alves, além do inesquecível e famigerado Clubinho da Pousada (Denise Leite, Fernanda Fernandes, Jeziel Silveira, Maria Júlia, Mariana Chaves) que desde o início da graduação estão sempre comigo, fazendo parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida.

*“Você não sabe o quanto eu caminhei
Pra chegar até aqui
Percorri milhas e milhas antes de dormir
Eu nem cochilei
Os mais belos montes escalei
Nas noites escuras de frio chorei”*

Cidade Negra

RESUMO

A necessidade de avançar nas discussões sobre as cidades pequenas brasileiras na Geografia é notória. Hoje em dia, mesmo com o aumento de trabalhos acadêmicos, observa-se ainda uma lacuna na conceituação e definição dessas cidades, sobretudo, quantitativamente e qualitativamente. O objetivo principal deste trabalho é contribuir com o debate teórico e metodológico, sobre as cidades pequenas a partir da realidade urbana brasileira, elucidando a importância de estudá-las. Partimos do pressuposto que há a escassez de pesquisas sobre a temática aqui apresentada, justificado por diversos motivos, entre eles a heterogeneidade de definições. Portanto, apresentaremos as tendências atuais dessas pesquisas e as áreas em que as mesmas estão concentradas. Para isso, foram consultados os anais de dois eventos importantes da Geografia Urbana: os Simpósios Nacionais de Geografia Urbana e o Simpósio Nacional sobre Pequenas Cidades e também o Catálogo de Dissertações e Teses da CAPES para avaliar e analisar os trabalhos realizados. Conseguimos detectar que a maior parte dessas pesquisas está focada em estudos de casos específicos e não na busca pelo aprofundamento teórico para fundamentar os estudos sobre a temática, mas sempre reservando uma parte do trabalho para uma conceituação, mesmo que breve. O resultado das análises aponta para a necessidade da ampliação dos estudos sobre elas no Brasil, principalmente, no que tange a sua definição e conceituação.

Palavras-chave: Cidades Pequenas; Geografia Urbana; Tendências; Desafios;

ABSTRACT

The need to advance the discussions about small Brazilian cities in Geography is notorious. Nowadays, even with the increase of academic work, there is still a gap in the conceptualization and definition of these cities, above all, quantitatively and qualitatively. The main objective of this work is to contribute to the theoretical and methodological debate about the small cities from the Brazilian urban reality, elucidating the importance of studying them. We start from the assumption that there is a lack of research on the subject presented here, justified by several reasons, among them the heterogeneity of definitions. Therefore, we will present the current trends of these surveys and the areas in which they are concentrated. For this, the annals of two important events of Urban Geography were consulted: the National Symposiums of Urban Geography and the National Symposium on Small Towns, as well as the Catalog of Dissertations and Theses of CAPES to evaluate and analyze the work done. We have been able to detect that most of this research is focused on specific case studies and not on the search for theoretical deepening to base the studies on the subject, but always reserving a part of the work for a conceptualization, even if brief. The result of the analysis points to the need to expand the studies about them in Brazil, especially regarding its definition and conceptualization.

Keywords: Small Cities; Urban Geography; Tendencies; Challenges;

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: DISSERTAÇÕES SOBRE CIDADES PEQUENAS (2013-2017) 29

TABELA 2: TESES SOBRE CIDADES PEQUENAS (2013-2017) 31

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Dissertações brasileiras sobre cidades pequenas (2013-2017) 27

GRÁFICO 2: Teses brasileiras sobre cidades pequenas (2013-2017) 27

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 A ESCASSEZ DE ESTUDOS SOBRE AS CIDADES PEQUENAS	15
2 DIFICULDADE EM CONCEITUAR AS CIDADES PEQUENAS	18
3 AS CIDADES PEQUENAS COMO TEMA GEOGRÁFICO E TENDÊNCIAS	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso de graduação em Geografia tem como principal foco o estudo das cidades pequenas pela ciência geográfica. Trata-se de um tema pouco explorado e estudado em todos os níveis de formação universitária e de divulgação do saber científico, como livros, monografias, dissertações, teses e artigos. A proposta da presente pesquisa é identificar os estudos sobre cidades pequenas nos últimos cinco anos e ponderar sobre a importância de estudá-las. O recorte temporal proposto (2013-2018) coincide com a divulgação dos anais dos simpósios analisados que ainda estão disponíveis na internet para correlacionar com as dissertações e teses sobre o tema.

Considera-se o estudo das cidades pequenas importante ao levarmos em conta que podemos conhecer e solucionar as “necessidades humanas”, existentes em todo o território, de forma mais específica e clara, mesmo com sua complexidade de conceituação, contribuindo para a interpretação da realidade, podendo adaptar a metodologia das análises para as cidades grandes e metrópoles.

Outro aspecto aponta a própria função das cidades pequenas como incentivadores da descentralização das atividades produtivas, principalmente as indústrias, permitindo a criação de polos alternativos para atração de migrantes e, dessa forma, aliviando a pressão migratória sobre os grandes centros.

A literatura já existente mostra que o assunto é complexo e as primeiras discussões demonstram que o tema ainda é complicado, principalmente pela dificuldade em classificar e conceituar as cidades deste porte.

Sendo assim, analisar e entender as cidades pequenas vai além de um trabalho que agrega articulação em escalas geográficas e que exige um posicionamento consciente do pesquisador sobre a realidade a ser observada e descrita, bem como um critério justo sobre a classificação hierárquica de cidades.

Em outros tempos, eram comuns as redes de cidades se caracterizarem no modelo *Christalleriano*, ou seja, em um modelo baseado na teoria dos lugares centrais, que permitia um desenvolvimento desigual dos centros urbanos, em que um grande centro acabava sustentando, no tocante a serviços específicos, os centros urbanos menores adjacentes, cuja sua produtividade é menor em relação aos grandes centros (CORRÊA, 2001), que por sua vez estão sendo afastadas e novas abordagens estão sendo propostas.

Muitas são as cidades que abrigam poucos habitantes e tem menor expressão econômica e política, configurando-se como pequenas, em todo território brasileiro. Devido às suas variadas características, consideradas algumas vezes como “cidades do interior” ou “cidades rurais”, elas, porém, não deixam de ser urbanas, pois existe toda uma estrutura urbana como edificações, casas, ruas, avenidas, praças; entre outras inúmeras características que agregam singularidades às cidades pequenas (SNICER, 2015).

As cidades pequenas normalmente são definidas pelos contingentes populacionais e extensão territorial. Porém, existe uma grande dificuldade em relação à definição do conceito ou classificação de cidade pequena. Diferentes autores adotam diferentes concepções e conceituações, cada qual com suas singularidades, não existindo um consenso na definição do que é a cidade pequena. O objetivo do presente trabalho é apresentar as principais noções e conceitos sobre a cidade pequena, e, também, mostrar se há um aumento gradativo da produção acadêmica sobre o tema a partir da Geografia.

Como metodologia para este trabalho, utilizamos a interpretação da dialética Lefebvriana que propõe um procedimento de pesquisa específico para a realidade social: o método regressivo-progressivo, que remete a três momentos diferentes: a descrição do visível, a análise regressiva e a progressão genética.

No momento descritivo do método o pesquisador deve reconstituir, a partir de um olhar informado, a identificação de um problema e descrevê-lo. Trata-se de um expediente para obter informações sobre o objeto estudado (MARTINS, 1996). A análise regressiva faz um esforço para a datação dos fatos, a observação de como se materializam e sob que circunstâncias se apresentam. E por último a progressão genética, explicando o presente com base em diferentes processos que ocorreram em outras épocas e identificados anteriormente, onde o reencontro com o presente denomina-se de progressão histórico-genético, e alude a um presente elucidado, compreendido e explicado.

Seguindo este método, o primeiro capítulo permitirá identificar a escassez de estudos sobre as cidades pequenas no âmbito dos estudos da ciência geográfica. O segundo capítulo apresenta as dificuldades a respeito da conceituação deste tipo de cidades, devido a uma heterogeneidade das definições ao longo da Geografia Urbana. E por fim, o terceiro e último discute a importância de estudá-las e quais os ritmos tendenciais dos estudos sobre as cidades pequenas na Geografia Urbana.

Logo, o presente trabalho pretende mostrar que este tema não é novo na Geografia, porém as transformações e novas definições, pelas quais passou e ainda passa, fazem com que seja de extrema importância articulá-los e operacionalizá-los na atualidade. Seria sua complexidade um motivo para estar em segundo plano nos estudos acadêmicos? Portanto, este trabalho configura-se como exploratório, de levantamento e que não busca dar respostas definitivas e sim apresentar as atuais discussões sobre a temática, analisando o crescimento da produção sobre o assunto, para entender o estado da arte dos estudos sobre cidades pequenas.

1. A ESCASSEZ DE ESTUDOS SOBRE AS CIDADES PEQUENAS

A presente discussão, em caráter introdutório e exploratório, mostra como as pesquisas e estudos sobre as cidades pequenas estão relativamente em menor número em comparação com as pesquisas sobre metrópoles, grandes e médias cidades. Escassez esta que se manifesta em congressos, colóquios, encontros e afins sobre a temática de Geografia Urbana, salvo os eventos destinados especificamente para esta temática e também em monografias, dissertações, teses e artigos acadêmicos.

Os levantamentos realizados nesta investigação mostram que as pesquisas sobre o urbano tendem a ser mais focadas em urbanização, rede urbana e cidades grandes, destacando as regiões metropolitanas, atreladas às áreas de grande concentração industrial. Observamos que os estudos sobre cidades pequenas, cidades históricas e cidades planejadas estão à margem das pesquisas sobre o urbano; em menor número.

A maior parte das pesquisas relacionadas à Geografia e ao espaço urbano está voltada para as grandes e médias cidades, por concentrarem grandes contingentes populacionais, maior densidade dos setores secundários e terciários da economia e por causa de sua importância para o país.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil possui atualmente 5.570 municípios, sendo que 5.225 são classificados como pequenos, pois apresentam uma quantidade inferior a cem mil habitantes (FERNANDES, 2018), correspondendo a aproximadamente 94% do total. Isso mostra a importância desse tipo de cidade, porque aí vivem milhões de brasileiros. Porém, as cidades pequenas são classificadas como tal não apenas pelo número de habitantes, mas também qualitativamente e de acordo com sua localização regional.

As pesquisas sobre grandes e médias cidades não devem ser negligenciadas, no entanto, acreditamos que exista a necessidade de serem ampliados e aprofundados os estudos sobre as cidades pequenas. Caso contrário, corre-se o risco de analisar conjuntamente o que socialmente é heterogêneo e diferenciado. “Nem mesmo a chamada globalização é capaz de eliminar diferenças, muito pelo contrário, por vezes cria e reforça as já existentes” (FRESCA, 2001).

As cidades pequenas representam um espaço heterogêneo, tanto no que tange ao espaço físico quanto nas relações sociais que nelas se estabelecem. Assim, cada lugar combina, de maneira particular, variáveis que podem ser comuns a outros contextos (PAIVA, 2017).

O primeiro desafio encontrado para a realização desta pesquisa de conclusão de curso foi encontrar uma definição para cidade pequena. Concordamos com Santos (1982b) quanto à

existência “de uma dimensão mínima a partir da qual as aglomerações de população deixam de servir às necessidades da atividade primária para servir às necessidades inadiáveis da população com verdadeiras especializações do espaço”.

Não significa, pois, buscar definições a partir de um patamar mínimo de habitantes necessários para ser cidade, mas de encontrar o embasamento, a mínima “complexidade das atividades urbanas capazes de garantir ao mesmo tempo um crescimento autossustentado e um domínio territorial” (SANTOS, 1982b). Sendo assim, a cidade pequena ou cidade local responde às “necessidades vitais mínimas, reais ou criadas de toda uma população, função esta que implica em uma vida de relações” (SANTOS, 1982b).

Mediante a isso, podemos entender a dimensão mínima a partir da qual é possível falar de uma verdadeira cidade e, ao mesmo tempo, isto nos remete à complexidade das condições e elementos que nos permitam caracterizar uma cidade como sendo pequena. Porque nesta classe de cidades vamos encontrar desde aquelas com limite mínimo da complexidade de atividades urbanas até aquelas donde tal complexidade é bastante acentuada, refletindo inclusive, diferenças do ponto de vista populacional (FRESCA, 2001).

No Brasil, encontramos cidades nas quais a população oscila em torno de 2.000 habitantes e outras que chegam aos 100.000 moradores e ambas podem ser classificadas como pequenas, de acordo com as definições existentes. Logo, concordamos com Corrêa (1989) que a “caracterização de uma cidade como sendo pequena, esteja muito mais vinculada a sua inserção em uma dada área, região ou rede urbana”.

Embora este debate seja de suma importância no âmbito da Geografia, poucos autores se debruçam sobre ele. Ao mesmo tempo, diante da ampliação do processo de urbanização no Brasil e da constituição de suas áreas urbanas, Santos (1996) entende que para “ser cidade média uma aglomeração deve ter população em torno de 100.000 habitantes”, indicando que abaixo deste número, seja classificado como cidades pequenas. Entretanto, uma cidade com cerca de 50.000 habitantes inserida em uma rede urbana no sudeste do Brasil seja diferente, por exemplo, de uma nordestina.

Entender as cidades pequenas, além de ser um esforço que congrega a articulação de escalas geográficas, exige minimamente um posicionamento consciente do interessado face à realidade a ser descrita e analisada, o que lhe coloca ao seu campo de observação a discussão das singularidades e particularidades desses centros que se encontram em constante transformação.

As cidades pequenas configuram-se como espaços de moradia, inclusive para a população que trabalha no campo, que vivem diariamente em longos deslocamentos, seja por motivos de trabalho

ou educação, caracterizando uma migração pendular, que não são encontrados apenas em regiões metropolitanas, mas também nos pequenos núcleos urbanos, assumindo um papel de *locus* residencial para os trabalhadores rurais. A relação campo-cidade ou urbano-rural aqui ganha uma conotação especial, justificando a valorização das escalas municipais.

É importante salientar que o fenômeno da ruralidade não é exclusivo das cidades pequenas, acontecendo em qualquer tipo de cidade, mas aqui especificamente o processo é mais forte, devendo ter uma interpretação distinta, para não acontecer um reducionismo epistemológico, pois,

Devemos atentar para a atuação do rural sobre as pequenas cidades, haja vista que parte dessa influência está atrelada, dentre outros aspectos, à sua localização regional e sua dinâmica de formação e consolidação. Dessa forma, podemos encontrar cidades de pequeno porte prioritariamente urbanas, diante de sua inserção em uma rede de cidades na qual é comandada e organizada (CASTRO, 2016).

As várias mudanças no tocante à reestruturação tecnológica, econômica, social e política, nos últimos cinquenta anos, alteraram as formas e as funções exercidas tanto no campo quanto na cidade. Porém, esse processo aproximou ainda mais o campo da cidade, pois nas “condições atuais do meio técnico-científico, os fatores de coesão entre a cidade e o campo se tornaram mais numerosos e fortes” (SANTOS, 1996).

Esses aspectos ressaltados por Santos (1996) são percebidos nas cidades pequenas, cuja relação com o rural está cada vez mais próxima, seja nos costumes, culinária, apropriação e utilização dos espaços, comércio e lazer (CASTRO, 2016).

Toda sede de algum município, independentemente do número de habitantes, é considerada cidade e sua população é classificada como urbana. O meio rural corresponde à parte fora da cidade. E quanto ao tamanho da sua população existem várias classificações, todavia, essas cidades exercem um papel dentro do sistema urbano, mesmo que menos significativas.

Ao refletir sobre as cidades pequenas, a demografia é o primeiro elemento a se destacar. Porém, aceitar um número de habitantes como base exclusiva, como fizeram alguns países, para classificar diferentes tipos de cidades é criar uma generalização perigosa (SOARES, 2003).

Estas cidades não são isoladas, mas estão ligadas a redes urbanas, através de complexas relações associadas ao mercado e à vida urbana. A cidade pequena, que Santos (1982b) prefere chamar de cidade local, é diferente de uma cidade média, dentre outros fatores, por sua influência apenas naquele local (SOARES, 2003), pois

Quanto maiores e mais populosas as cidades, mais capazes são elas de abrigar uma extensa gama de atividades e de conter uma lista maior de profissões, estabelecendo,

desse modo, um tecido de inter-relações mais eficaz do ponto de vista econômico (SANTOS e SILVEIRA, 2012).

Os diversos trabalhos que têm contemplado a realidade das cidades pequenas mostram que, embora elas estejam no limiar dos elementos constitutivos de um espaço urbano, portanto, nos patamares mínimos, elas apresentam grau considerável de complexidade. Como já destacara Milton Santos (1982b), quanto menor o lugar examinado, maior o número de níveis e determinações externas que incidem sobre ele e daí a sua complexidade.

2. DIFICULDADE EM CONCEITUAR AS CIDADES PEQUENAS

A expressão cidade pequena traz a palavra *cidade* que, para Carlos (2009), no geral, pode ser pensada como “o *locus* da produção, concentração dos meios de produção, do capital, da mão de obra, mas é também concentração de população e bens de consumo coletivo”. Para essa definição, devem-se considerar ainda, no que diz respeito aos autores e pensadores da cidade, seu período histórico, sua localização e sua formação, justificando a complexidade da conceituação do termo (VASCONCELOS, 2015).

Já o adjetivo *pequena* expressa “tamanho reduzido” ou “pouco extenso”, popularmente. Vale salientar neste campo que o termo município é diferente de cidade, onde, este significa a parte urbana de um município. A expressão “cidade pequena” tem muita dificuldade para se firmar e seu uso é bastante complexo.

No que diz respeito a esta pesquisa, a discussão será pautada em torno de um conceito específico, ou seja, *cidade pequena*. Essa ideia tem sido bastante cara e complexa e foi alvo de debate por diferentes autores. Tal conceito tem aparecido, em muitos casos, como pequena(s) cidade(s), porém, neste estudo, optou-se por utilizar a terminologia *cidade(s) pequena(s)* (já que na Língua Portuguesa, usualmente o adjetivo – pequena – acompanha o substantivo – cidade – diferentemente do inglês onde o adjetivo aparece antes do substantivo, a exemplo de *small city*), como proposto por Sposito e Silva (2013).

A ideia de “cidade pequena”, usada por meios de comunicação e leigos, ganha um significado vago e seu sentido geográfico é distorcido. Por isso, resulta em definições de que esses lugares são pacatos ou seguros, ótimos para idosos, que não possui violência e com elevado nível de expectativa de vida.

Viver em uma cidade pequena pode ser um desafio pela falta e/ou precariedade de alguns serviços e infraestrutura para seus moradores, que por sua vez, acabam indo a uma cidade maior (média e/ou metropolitana) para ter acesso a alguns serviços, como de saúde e educação, que estão ausentes nas pequenas cidades, caracterizando o baixo nível de complexidade de seus serviços.

Então, para conceituar, é necessário levar em conta quais são as principais demandas populacionais e não só o aspecto demográfico, pois esse posicionamento pode afetar a discussão conceitual que envolve o uso de várias escalas espaciais da compreensão da Geografia. Como afirma Harvey:

Parte da dificuldade que experimentamos em lidar com ela [a cidade] pode ser atribuída a sua complexidade inerente. Mas, nossos problemas podem também ser atribuídos à nossa falha em conceituar corretamente a situação. Cada disciplina usa a cidade como um laboratório no qual testa proposições e teorias sobre a própria cidade. Este é o principal problema a ser superado se estamos decididos a entender (o controle à parte) a complexidade da cidade (HARVEY, 1980).

As diversas definições do que é cidade no Brasil e no mundo, pendem sempre para os aspectos político-administrativos, demográficos e não para os aspectos geográficos, históricos e sociológicos. A definição de cidade não obedece a uma regra geral. Os critérios podem ser sobre o tamanho da população, aspectos econômicos, meios funcionais, infraestruturas e políticos. No Brasil, especificamente, é utilizado o meio político-administrativo que reconhece na sede municipal a cidade.

Entretanto, o que nos permite afirmar que algumas cidades são ou não pequenas? Santos (1982b) prefere utilizar o termo cidade local a cidade pequena. Nas palavras do autor, “a pequena cidade, que preferimos chamar de cidade local, torna-se o centro funcional, mas não dinâmico da região circundante” (SANTOS, 1982b).

Continuando, ele destaca que “aceitar um número mínimo como fizeram vários países e também a Organização das Nações Unidas (ONU), para caracterizar diferentes tipos de cidades no mundo inteiro, é incorrer no perigo de uma generalização” (SANTOS, 1982b). E também que “a cidade local é a dimensão mínima a partir da qual as aglomerações deixam de servir às necessidades da atividade primária para servir às necessidades inadiáveis da população, com verdadeira especialização do espaço” (SANTOS, 1982b).

Em linhas gerais, Milton Santos define a cidade local como “uma aglomeração capaz de responder às necessidades vitais mínimas, reais ou criadas, de toda uma população, função esta que implica em uma vida de relações (SANTOS, 1982b).

No entanto, concordamos com Fresca (2010) que afirma que é importante destacar que cidades pequenas e cidades locais não devem ser vistas enquanto expressões iguais. Cidade local seria o menor escalão das cidades brasileiras, que atendem apenas as necessidades mais imediatas de seus habitantes. Já a cidade pequena seria aquela com complexidade de atividades urbanas que extrapola o denominado nível mínimo, mas que tal complexidade de atividades urbanas não gera processos necessários para que as mesmas possam ser analisadas como cidades intermediárias (FRESCA, 2010 *apud* MOREIRA JUNIOR, 2013).

Os estudos de Milton Santos sempre tiveram relevância para o debate sobre as cidades pequenas. Todavia, mesmo com a opção pela denominação “cidade local”, a discussão sempre foi capitaneada pela expressão “cidades pequenas”, sendo assim tratada com maior força nas pesquisas acadêmicas e também no senso comum, facilitando um melhor entendimento sobre o tema. Enquanto Fresca faz uma distinção, Santos tende a tratar cidade local e pequena como um mesmo fenômeno.

Analisando os postulados e definições de diferentes autores, entendemos que, concordando com Sposito e Silva (2013), a cidade pequena pode ser sinteticamente definida como o “nível mais básico do urbano, embora existam particularidades (...) dependendo do contexto geográfico” (SPOSITO e SILVA, 2013).

Não esquecendo que em cidades dessa magnitude o urbano também está presente, abrigando níveis político-administrativos, residenciais, econômicos e sociais. Apesar de serem inferiores quanto às relações urbanas, elas apresentam pontos de comunicação com outros centros, porém:

a cidade pequena que se encontra próxima a um grande centro, por exemplo, mesmo estando bem localizada, pode ter seu crescimento estagnado em razão de ter sido drenada economicamente pelo centro maior, configurando-se como uma parte acessória do núcleo polarizante; ou mesmo ampliar seu crescimento demográfico e incrementar a sua dinâmica econômica em razão dos fluxos de pessoas e dinheiro no tecido urbano da aglomeração (SPOSITO e SILVA, 2013).

Assim, as cidades pequenas são espaços urbanos que apresentam uma dimensão menor se comparadas aos grandes núcleos urbanos e conseguem atender o proposto para a realização da vida, da produção do espaço capitalista e do trabalho. Isso pode significar que essas cidades ofertam uma pequena gama de serviços a seus habitantes, mas conseguem oferecer os básicos e mais importantes para a realização da vida.

Dado o caráter variado para estabelecer parâmetros na classificação dessas cidades, a dimensão demográfica é um desses meios para efeito de discussão e não como ponto final (SPOSITO e SILVA, 2013). Partindo desse pressuposto,

o tamanho demográfico, por mais problemático que seja, deve ser considerado. Entretanto, não deve ser empregado como o único elemento que identifica uma pequena cidade. Também não pode ser tomado como uma medida rígida e válida para os diferentes contextos espaciais e temporais (MELO, 2008).

O Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA) usa a nomenclatura “pequenos centros”, e os divide em três grupos, por população. O primeiro é constituído por cidades de até 10.000 habitantes, o segundo em cidades de 10.000 a 20.000 habitantes e o terceiro, de 20.000 a 50.000 habitantes.

Por outro lado, Santos (1988) e Pereira (2007) colocam o número máximo de vinte mil habitantes para ser considerada uma cidade pequena. Já Bernardelli (2004) delimita as cidades pequenas em aquelas com menos de trinta mil habitantes. E para Corrêa (1999), as cidades pequenas - “pequenos centros” e “pequenos núcleos” - são aquelas que possuem até cinquenta mil habitantes.

A questão da demografia é usada para repasses financeiros, como, o Fundo de Participação dos Municípios (FPM). De acordo com Mendes, Miranda e Cosio (2008), o Fundo é uma “transferência redistributiva, paga pela União a todos os municípios do País. Ela é de uso incondicional, obrigatória e sem contrapartida. Trata-se da segunda maior categoria de transferências”.

A finalidade desta pesquisa não é atribuir juízo de valor às definições existentes como “certas” ou “erradas”, “adequadas” ou “inadequadas”, mas, sim, debater sobre as definições que auxiliam à sua classificação. Partindo disso, apenas a demografia, não define uma cidade como pequena ou não, porém não deve ser desconsiderada e deve aparecer nas discussões, juntamente com os aspectos políticos, administrativos, econômicos e sociais. Devido à sua complexidade, mostra-se a importância dessas cidades aparecerem nas pesquisas de Geografia Urbana, com o intuito de chegar a uma definição mais clara.

De modo geral, os estudos sobre as cidades pequenas devem ser baseados na análise de toda rede urbana adjacente dessas cidades, observando quais cidades vão ocupar o limite inferior na base destes processos com os grandes centros, já que

uma cidade pequena pode ser, então, um subcentro regional ou centro zonal (dependendo de sua posição na hierarquia urbana), sem com isso perder de vista o horizonte geográfico de sua conceituação (SPOSITO e SILVA, 2013).

A hierarquia urbana consiste na maneira de como podemos organizar as cidades no âmbito de uma escala de influências. Este fato é exemplificado quando as vilas e/ou cidades pequenas sofrem influência das cidades médias, e estas estão ligadas às cidades grandes. Por meio deste processo de

hierarquia urbana, podemos perceber a importância de uma cidade e a sua interação de subordinação sobre as demais que estão à sua margem.

O projeto de hierarquia urbana, na atualidade, está ligada ao conceito de rede urbana, que simboliza a rede de relações sociais, econômicas e culturais que interligam as cidades. Caso, por ventura, a cidade ultrapasse este patamar de pequena, eis que a mesma será chamada de porte médio, podendo também ser classificada como capital regional, baseado nos seus aspectos político-administrativos e econômicos.

3. AS CIDADES PEQUENAS COMO TEMA GEOGRÁFICO E TENDÊNCIAS

Em Geografia, as pesquisas sobre cidades pequenas não tem sido destaque quando comparadas as pesquisas sobre metrópoles e cidades médias. Isso ocorre, quando se verifica que os estudos na Geografia Urbana e Geografia Econômica, seja no Brasil ou no mundo, apresentam um número reduzido de trabalhos sobre o tema.

Entretanto, uma ampliação das pesquisas sobre a cidade pequena pode ser observada, no caso brasileiro especificamente, a partir da década de 1980. Isso representou uma renovação da Geografia por meio da adoção do enfoque crítico-analítico de orientação marxista, sendo acompanhado, em contrapartida, pela diminuição das pesquisas de cunho estatístico-demográfico (SPOSITO e SILVA, 2013).

Esse período foi classificado como um momento na construção dos estudos sobre as cidades pequenas brasileiras na Geografia. Isso porque passa-se a observar um maior crescimento sobre as análises referentes a esse tipo de cidades, realizadas de forma mais sintética, ganhando sentido ao confrontar as bibliografias sobre o assunto com a interpretação mais aguçada das obras.

Soares e Melo (2008) propõe uma alternativa para melhor estabelecer uma metodologia para se estudar as cidades pequenas. Os autores propõem adotar o que chamam de “escala municipal” para compreensão da cidade pequena; que essas cidades podem ser interpretadas a partir de suas relações entre campo-cidade, no recorte político-administrativo ou sua dependência para com as esferas governamentais. Assim, Soares e Melo (2008) apresentam mais uma forma de apreender a realidade, facilitando a obtenção de dados por meio de um recorte estatístico.

Nos dias atuais, de acordo com os levantamentos realizados para esta pesquisa, podemos destacar alguns autores engajados em pesquisas na temática das cidades pequenas como Eliseu

Sposito, Wilson dos Santos, Orlando Moreira Júnior, Beatriz Ribeiro Soares, Paulo Fernando Jurado da Silva, Maria Silvia Carreiro Jorge Santos e Tânia Maria Fresca. Eles podem ser considerados, juntamente com Milton Santos, como as principais referências da Geografia Urbana brasileira, sendo usados como pilares na construção e nos debates sobre o assunto na Geografia.

Os estudos sobre as áreas não metropolitanas vão gradativamente sendo colocados em discussão pelo crescimento de cursos de graduação em Geografia em cidades interioranas com características diferentes daquelas de grandes centros. A dispersão permite a ampliação do debate sobre esta categoria de cidades.

Partindo deste fato e levando para a área da educação, podemos emergir em defesa do estudo sobre a área, especialmente, para alunos que residem nessas cidades. Afinal, os parâmetros que regem o ensino da Geografia defendem que os professores devem considerar a experiência e os conhecimentos trazidos pelos alunos de suas vivências cotidianas (MOREIRA JUNIOR, 2016). A intenção é de mostrar aos alunos, que possuem pertencimento com as cidades pequenas, uma facilidade na identificação a partir de seu dia-a-dia as características elementares que mostram o caráter urbano de suas cidades.

Logo, a problemática das cidades pequenas é um grande desafio, pois é bastante complexo e apresenta várias dificuldades. Isso acontece porque há um horizonte bastante grande para ser analisado na definição conceitual dessa expressão no urbano, como temos visto nesta pesquisa.

Há cidades pequenas muito diferentes entre si e que apresentam particularidades que devem ser analisadas com cautela porque não se podem fazer generalizações, propondo-se uma regra universal para a definição desses centros, pois como escreveu Santos (1996), “hoje cada cidade é diferente uma da outra, não importa o seu tamanho, pois entre as metrópoles também há diferenças”.

Pesquisar sobre cidades pequenas é uma preocupação de diferentes estudiosos brasileiros e estrangeiros que trabalham com a Geografia. Apesar de não ser um tema novo, é um assunto que se encontra em constante transformação, de forma dinâmica e complexa.

A cidade pequena não deve ser estudada e observada isoladamente e sim juntamente com suas dinâmicas e relações com outros centros urbanos, configurando como uma construção social e coletiva e dando base para formularmos indagações sobre os atuais estudos sobre a temática.

Embora muitas pesquisas e trabalhos atuais tratem das conceituações sobre a cidade pequena, ainda existem lacunas no âmbito acadêmico, além do que, a dinâmica da própria realidade sobre

“cidade” exige uma constante revisão dos conceitos existentes, pelo fato de ela estar em constante evolução.

Estudar cidades não é tarefa fácil; não basta analisá-las ou viver nelas, é preciso verificar outros aspectos, como a sua dinâmica populacional e econômica, bem como os processos geográficos e históricos envolvidos. Cada uma delas tem a sua história; possui uma identidade própria, com diferenças e semelhanças em relação a outras; existem as pessoas que moram ali.

Como forma de organizar os estudos sobre o tema atualmente, nesta investigação foi realizado um levantamento de dados na produção acadêmica geográfica referente às pequenas cidades nos anais dos dois últimos Simpósios Nacionais de Geografia Urbana (SIMPURB) para confirmar se a temática está realmente à margem da produção geográfica. Também analisamos os anais do último Simpósio Nacional sobre Pequenas Cidades (SINAPEQ) e também o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a fim de verificar quais as tendências atuais sobre o assunto. Como dito anteriormente, o recorte temporal usado foi os últimos cinco anos. Tal pesquisa se baseou na procura do termo “cidade pequena” nos títulos e palavras-chave.

Tal metodologia foi baseada em Junior (2013), que detalha que a

Opção pelos anais se justifica por duas motivações básicas. Primeiramente, a continuidade, ou seja, revela tanto a ocorrência do tema no pensamento geográfico brasileiro quanto a permanência progressiva de questionamentos sobre a temática sob o olhar do geógrafo. Em segundo lugar, por ser um evento de nível nacional, o que permite a exposição de variados cenários e possibilidades diversas de leituras acerca das cidades pequenas (JUNIOR, 2013).

O SIMPURB é um evento realizado a cada dois anos, sendo os últimos em Fortaleza/CE e Salvador/BA, em 2015 e 2017, respectivamente. O SINAPEQ, por sua vez, também ocorre a cada dois anos, sendo o último realizado no município de Ituiutaba/MG em 2016. O município de Montes Claros/MG ficará por conta da organização do evento neste ano de 2018.

Analisando os anais, podemos destacar o número ínfimo de trabalhos sobre a temática das cidades pequenas. No SIMPURB de 2015, dos dezesseis Grupos de Trabalhos (GT's), apenas dois estavam relacionado à área. O primeiro, denominado “Reestruturação Urbana, Cidades Médias e Pequenas: Processos Espaciais, Agentes Econômicos e Escalas Urbano-Regionais” possuía duas pesquisas, intituladas “Expansão Urbana em Pequenas Cidades: O Parcelamento do Solo Como Agente Modelador da Cidade ao Urbano” e “A Universidade Pública na Pequena Cidade: Valorização Regional e Novas Demandas”.

O segundo GT definido como “O Local e o Global na Produção da Cidade Espetáculo: Retóricas, Coalizões e Resistência Popular” possuía apenas uma pesquisa, denominada “A Espacialidade do Lazer Urbano na Cidade Pequena Serrana: Os Festivais de Guaramiranga/CE”.

Já em 2017, o SIMPURB apresentou três GT’s sobre a temática, dos quinze propostos. O primeiro classificado como “Cidade e Urbano na Bahia: Dinâmicas e Processos Recentes” apresentou uma pesquisa, intitulada “Implicações Socioespaciais da Implantação de Políticas Públicas Habitacionais nas Pequenas Cidades do Território de Identidade do Sisal/BA”.

O segundo GT foi definido como “Geotecnologias e Análise Espacial no Espaço Urbano” e também apresentou somente uma pesquisa, denominada “O Lote Urbano Em Uma Pequena Cidade No Estuário Amazônico e a Construção ao Cadastro Multifinalitário: Uma Abordagem Metodológica”.

E o terceiro Grupo de Estudo ficou por conta de abordar a área sobre “Reestruturação Urbana: Agentes, Redes, Escalas e Processos Espaciais”, possuindo uma pesquisa, classificada como “Os Diferentes Urbanos Em Um Pequeno Município da Amazônia: Um Estudo de Barcarena/PA”.

Analisando agora o SINAPEQ, cujo evento é totalmente voltado para as pesquisas sobre cidades pequenas e conseqüentemente todos os trabalhos abordam a temática, elencamos os GT’s e suas especificidades:

Eixo 1 - Cidade, município, elites econômicas/políticas e poder local: Destaca-se o debate das relações de poder presentes nas pequenas cidades, tanto do ponto de vista do papel das tradicionais elites locais, como também das elites empresariais e dos movimentos sociais, relacionando suas ações e estratégias com o desenvolvimento local a partir das políticas públicas e experiências de governança, seja na escala da cidade ou do município (SINAPEQ, 2017).

Eixo 2 - Cultura, lugar, patrimônio e identidade: Objetiva-se debater as interações entre as diferentes manifestações culturais (artes, religião, festas, etc.) e a produção do espaço urbano, enfocando temas como a constituição de laços identitários com o lugar, o patrimônio, a (des)territorialização de grupos sociais e as distintas representações e imaginários urbanos (SINAPEQ, 2017).

Eixo 3 - Dinâmicas ambientais e desenvolvimento socioespacial: Direciona-se aos estudos que compreendam as dinâmicas ambientais nas cidades a partir de abordagens teóricas, metodológicas e empíricas, além de reflexões que contribuam para o debate sobre desenvolvimento em suas variadas dimensões, visto que a intensificação do processo de urbanização e os impactos dele decorrentes acentuam as preocupações sobre as questões ambientais contemporâneas e o desenvolvimento socioespacial (SINAPEQ, 2017).

Eixo 4 - Políticas públicas, planejamento e gestão urbanos: Busca-se congrega trabalhos que discutam o papel das políticas públicas articuladas às ações de planejamento e gestão urbanos, no sentido de promover reflexões acerca das potencialidades, lacunas e desafios da intervenção estatal nas cidades, tratando de aspectos como: instrumentos de participação popular, parcerias público-privadas,

função social da cidade, plano diretor, meio ambiente, mobilidade e acessibilidade, entre outros (SINAPEQ, 2017).

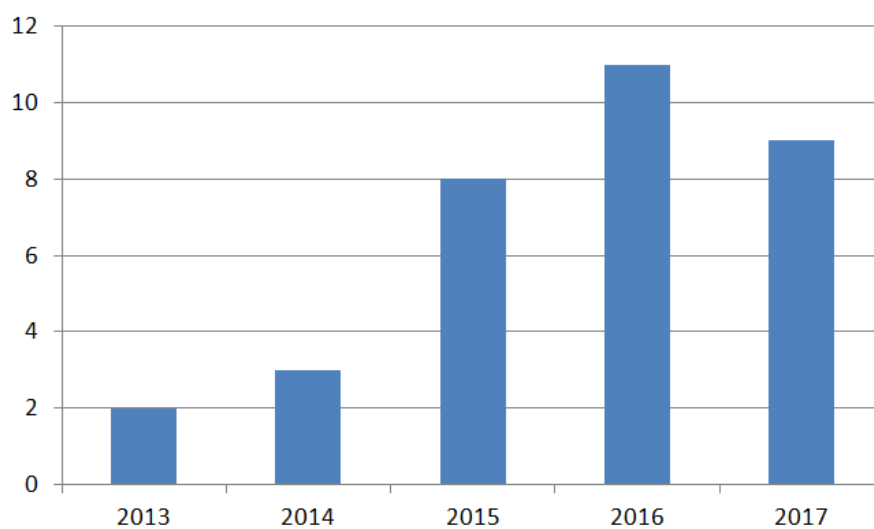
Eixo 5 - Produção do espaço, dinâmicas urbanas e regionais: Pretende-se debater as dinâmicas urbanas e regionais no contexto da produção do espaço, contemplando estudos que focam sobre esta relação e suas repercussões na cidade e na região, haja vista que a constante atuação dos diferentes agentes sociais na produção da cidade, a partir de interesses e lógicas variadas, gera uma conjuntura de transformações tanto na escala da cidade quanto em âmbito regional (SINAPEQ, 2017).

Eixo 6 - Questões teórico-metodológicas sobre pequenas cidades: A preocupação com os estudos de pequenas cidades não é recente na Geografia, mas não esteve presente nos debates de forma significativa nas últimas décadas, dando lugar a outras análises da dinâmica urbana no território, sendo este debate retomado no início dos anos 1990. Pequenas cidades, cidades locais, centros locais são algumas denominações utilizadas para fundamentar uma categoria da análise urbana. Mas o que define a cidade como pequena? Seu tamanho populacional? Sua dimensão territorial? Sua posição na rede urbana? Seu modo de vida? Suas atividades econômicas? Pode-se considerar o município? Pequenos municípios implicam em pequenas cidades? A questão é o que se estuda: pequenas cidades ou municípios? Temos então, um entrave teórico-metodológico, pois se faz pertinente delimitar, conceituar, definir pequenas cidades para que se entendam as diferentes escalas da urbanização nos territórios (SINAPEQ, 2017).

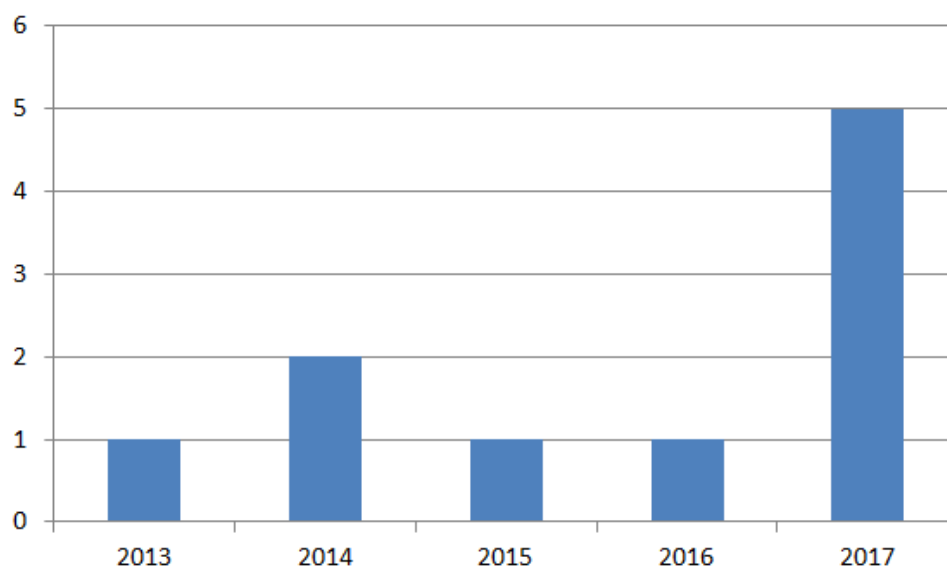
Eixo 7 - Relação campo-cidade e desenvolvimento local/territorial: Propõem-se discutir as relações entre as cidades e o campo e suas implicações no desenvolvimento local (urbano e/ou municipal) e territorial, considerando, para isso, a revolução científico-tecnológica iniciada a partir da segunda metade do século XX, que imprimiu uma nova complexidade nos estudos da relação campo-cidade, que é produto dos processos de urbanização e industrialização, do desenvolvimento do capitalismo no campo e da consequente modernização da agricultura, redefinindo, assim, os espaços urbanos e rurais, imprimindo-lhes uma nova dinâmica (SINAPEQ, 2017).

No Brasil, podemos perceber como a discussão está se ampliando. De modo geral, podemos elencar algumas palavras-chave em todas as pesquisas aqui citadas, uma vez que elas procuram esclarecer as variáveis relativas às políticas públicas habitacionais, uso do espaço urbano, parcelamento do solo, presença de universidades e lazer urbano, no âmbito de congressos e artigos.

Na produção acadêmica de dissertações e teses, mesmo apresentando oscilações, é notório o aumento dos estudos no decorrer dos últimos cinco anos, conforme exemplificado nos gráficos 1 e 2:

Gráfico 1 – Dissertações brasileiras sobre cidades pequenas (2013-2017)

Fonte: CAPES, 2018. Elaborado por Silva, 2018.

Gráfico 2 – Teses brasileiras sobre cidades pequenas (2013-2017)

Fonte: CAPES, 2018. Elaborado por Silva, 2018.

Identificamos trinta e três dissertações e dez teses no recorte temporal proposto, elencadas nas tabelas 1 e 2. Percebemos que o foco das pesquisas de mestrado está ligado às áreas de agricultura, rede urbana, mobilidade urbana, espaço urbano, comércio, saúde, questões habitacionais, paisagens, clima, planejamento urbano, questões socioambientais, indústrias, demografia, urbanização. Já o doutorado, tem suas ramificações para o espaço urbano, demografia, economia, turismo, paisagem, homossexualidade, clima, violência, rede urbana e acessibilidade.

TABELA 1 – DISSERTAÇÕES SOBRE CIDADES PEQUENAS (2013-2017)

TÍTULO	ANO
Uma pequena cidade, uma grande relação: Piraju (SP) e a importância do café	2013
A centralidade de Mamanguape (PB) e sua relação com as cidades pequenas do litoral norte paraibano	2013
A mobilidade cotidiana campo-cidade: o caso dos moradores rurais de Cajuri e Coimbra/MG	2014
O papel das pequenas cidades na rede urbana: um estudo acerca do desenvolvimento da microrregião de Viçosa-MG	2014
Dinâmica espacial em pequenas cidades: produção do espaço e a expansão e reestruturação do instituto federal do sudeste de Minas Gerais, campus Rio Pomba	2014
Dinâmicas de reprodução do comércio e os novos papéis urbanos de pequenas cidades norte-rio-grandenses: um olhar a partir das redes associativistas de supermercados	2015
Território-usado e saúde em pequenas cidades	2015
Permanências e transformações no espaço comercial da pequena cidade de Juazeirinho-PB: da feira livre às redes de negócios	2015
A singularidade do urbano de Barcarena, como cidade ribeirinha da região amazônica	2015
Precariedade habitacional em pequenas cidades paraenses: análise a partir dos planos locais de habitação de interesse social	2015
A (re) produção do espaço urbano nas pequenas cidades da Amazônia setentrional: um estudo sobre Bonfim-RR	2015
Sociedade e natureza - Análise da paisagem e da ocupação urbana em ambiente de várzea no bairro de uma pequena cidade do estuário amazônico: Ponta de Pedras - PA	2015
Análise de percepção ambiental de moradores de área de várzea em pequenas cidades da Amazônia: um estudo de caso	2015
Subsídios para elaboração de um plano de gestão e gerenciamento de resíduos da construção civil em cidades de pequeno porte	2016
O clima de cidades pequenas: configuração urbano-rural com uso de transectos móveis em Agudo/RS	2016
Planejamento e gestão urbanos em cidades pequenas: um estudo sobre Benedito Novo e de Rio dos Cedros-SC	2016
Metodologia para avaliação da vulnerabilidade socioambiental: estudo da cidade de Paracatu (MG)	2016
Ocupações irregulares em pequenas cidades da Amazônia - um estudo em vila dos cabanos, Barcarena, Pará, no período de 2005 a 2015	2016
Interações espaciais entre cidade média e pequenas cidades: um estudo de Araguaína-TO, Campos Lindos-TO, Carolina-MA e São Geraldo do	2016

Araguaia-PA	
Análise dos impactos da indústria do petróleo no espaço urbano de cidades pequenas: estudo de caso dos municípios de Carapebus e Quissamã/RJ	2016
A influência do número de habitantes de uma cidade na propensão à seleção e compra de produtos pela internet	2016
Cidades pequenas e rede urbana: interações espaciais a partir do sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul	2016
Clima urbano sob o olhar das pequenas cidades: influência dos fatores geográficos nas variações climáticas em Lagoa Formosa (MG)	2016
Produção habitacional em pequenas cidades paraenses: análise do programa minha casa minha vida e planos locais de habitação de interesse social	2016
O tamanho populacional das cidades importa? Uma análise dos municípios do core de fronteira noroeste localizados no estado do Rio Grande do Sul	2017
Gestão de resíduos sólidos e a integração de catadores em cidades pequenas: os casos de Assis Chateaubriand e Palotina, PR	2017
A inserção das pequenas cidades de Sertanópolis e Jataizinho na região metropolitana de Londrina-PR	2017
As franquias em cidades pequenas: estratégias locacionais do comércio e produção do espaço urbano	2017
O clima urbano em Pirapozinho/SP: eventos de ilha de calor urbanas em episódios de verão	2017
Configuração regional, segregação espacial e os processos de estagnação em pequenas cidades: o caso de Santa Tereza -RS	2017
Urbanização e planejamento: a produção do espaço urbano em pequenas cidades do eixo rodoferroviário da Alta Mogiana - Triângulo mineiro	2017
Cidade (s) pequena (s) e redes urbanas: uma análise dos papéis e significados de Jandaia do Sul na rede urbana do norte central paranaense	2017
Pertencimento e mudança: um estudo sobre temporalidades em um pequeno município brasileiro	2017

Fonte: CAPES, 2018. Elaborado por Silva, 2018.

TABELA 2 – TESES SOBRE CIDADES PEQUENAS (2013-2017)

TÍTULO	ANO
A praça no contexto de pequenas cidades na microrregião de Campo Mourão - PR	2013
As cidades pequenas na região metropolitana de Campinas-SP: dinâmica demográfica, papéis urbanos e (re) produção do espaço	2014
Pequenas cidades da região de Cáceres - MT: papéis e significados na dinâmica socioeconômica regional	2014
Ecoturismo em pequenas cidades brasileiras e a experiência de Barreirinhas no estado do Maranhão	2015
Paisagem furusato - desastres naturais e reconstrução de pequenas cidades	2016
Uma hermenêutica da homossexualidade: o fazer-se gay como prática política de liberdade em cidades pequenas	2017
Pequenas cidades do nordeste do Pará: maritimidades da Amazônia	2017
Um espectro ronda as pequenas cidades: o aumento da violência e da insegurança objetiva	2017
Pequenas cidades no contexto metropolitano: o caso da região metropolitana de Maringá, PR	2017
Mobilidade e acessibilidade em pequenas cidades: proposições para a inclusão dos pequenos municípios na elaboração dos planos de mobilidade urbana	2017

Fonte: CAPES, 2018. Elaborado por Silva, 2018.

Para chegarem aos resultados, observamos que os pesquisadores fazem uso da análise do urbano, que embasa os processos ligados a economia, bem como na própria urbanização, na divisão territorial do trabalho e aos aspectos funcionais.

Com relação ao embasamento teórico utilizado pelos autores para definir uma cidade pequena, observamos que houve variação na utilização de critérios quantitativos, qualitativos, ou o uso dos dois critérios.

Podemos perceber também que os estudiosos sobre o tema estão engajados no referencial teórico, porém apresentam certa dificuldade na conceituação das relações empíricas que essas cidades apresentam, “justificado pela ausência de critérios qualitativos e/ou quantitativos oficiais que definam as cidades” (RÉ e BOVO, 2016). Entretanto, mesmo apresentando falhas, no Brasil a definição oficial perpassa pelos conceitos do órgão brasileiro sobre o tema, o IBGE.

Esses são alguns dos desafios e tendências encontrados nos diversos trabalhos acadêmicos mencionados. Porém, o principal é que esse conjunto de estudos sobre essas cidades possibilita

avançar na construção de um conceito mais bem delineado, pois demonstra uma série de possibilidades e perspectivas nas quais essas pesquisas podem seguir e também por destacar uma série de desafios teórico e metodológicos, indicando as principais preocupações científicas sobre as cidades pequenas.

Por fim, já que estamos trabalhando com tendências e do espaço que as cidades pequenas merecem e vêm tendo atualmente na Geografia brasileira, é importante salientar que esses estudos, diretamente ou indiretamente, acabam sendo alicerces para outras formas de divulgação do saber científico, em forma de trabalhos em congressos, livros ou artigos em periódicos (JÚNIOR, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho não pretende esgotar o assunto. Estamos cientes da necessidade de mais estudos e aprofundamento sobre as questões que envolvem as cidades pequenas, principalmente dentro das investigações em Geografia. No entanto, buscamos mostrar, em linhas gerais, a fundamental importância da realização de estudos e pesquisas relacionadas às cidades pequenas brasileiras, para que seja possível compreender melhor a realidade de parte significativa da população que reside nessas localidades e sobrevive, principalmente, em função de atividades pouco dinâmicas e de recursos oriundos do governo para satisfazer suas carências diversas, principalmente o Fundo de Participação de Municípios (FPM), cujo é o mecanismo de transferências entre a União e os Municípios.

Por serem numerosas no território brasileiro e, conseqüentemente, pelo fato de parte importante da população residir nessas áreas, destaca-se a necessidade de realização de pesquisas que se direcionem para as pequenas localidades, podendo fornecer um caminho para que as políticas voltadas a essas localidades seja o mais eficiente possível.

Estudar as cidades pequenas significa conhecer o espaço, observá-lo em sua aparência, conhecer os mecanismos de construção deste espaço, conhecer os instrumentos utilizados pelo poder (público e econômico) e, principalmente, incorporar outro elemento nesta análise, que nos é, na maioria das vezes, mascarado.

É o fato de que todos os homens constroem o espaço, cada uma das pessoas é agente ativo neste processo de construção. E exatamente por isto, todos, precisamos ter o domínio do conhecimento desse espaço, pois só assim cada homem concreto (e não abstrato, diluído em quantidades ou qualificações) poderá agir como cidadão consciente de seus direitos.

No entanto, estudar as cidades pequenas ajuda a compreender e descrever não apenas elas em si, mas propõe um olhar diferente sobre todo o nosso território, se baseando em suas perspectivas políticas, econômicas e sociais, contribuindo para um entendimento da própria realidade, já que elas são maioria no território brasileiro, mas não somente isso, mas também aos aspectos que vão desde a qualidade de vida de seus moradores e às oportunidades de desenvolvimento econômico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, M. A. A.; **Transformações em curso no perfil econômico e sócio espacial de cidades de pequeno porte: o exemplo de Bom Jesus de Itabapoana no Noroeste Fluminense.** 2001. 114f. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Geociências, Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2001.

BERNARDELLI, M. L. F. H.; **Pequenas cidades na região de Catanduva – SP: papéis urbanos, reprodução social e produção de moradias.** Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente: [s.n.], 2004. 347 p.;

CARLOS, A. F. A.; **A cidade.** 9ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo-SP. Editora Contexto. 2009.

CASTRO, F. S.; **As Relações Rurais e Urbanas no Cenário das Pequenas Cidades: O Caso de Lagoa Formosa (MG).** InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade, v. 2, p. 238-254, 2016.

CORRÊA, R. L. **A rede urbana.** 1. ed. São Paulo: Ática, 1989.

_____; **O Espaço Urbano.** São Paulo. Editora: Ática, 1 edição, 1989.

_____; **Globalização e reestruturação da rede urbana – uma nota sobre as pequenas cidades.** In: Território, Rio de Janeiro, Ano IV, nº 06, p. 43-53, jan./jun., 1999;

_____; **Reflexões sobre a dinâmica recente da rede urbana brasileira.** ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, IX, 2001, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: ANPUR, vol. 1, 2001(p.424-430).

FERNANDES, P. H. C.; **O urbano brasileiro a partir das pequenas cidades.** Revista Georaguaiá, v. 8, p. 13-31, 2018.

FRESCA, T. M.; **Em defesa dos estudos das pequenas cidades no ensino de geografia.** Geografia (Londrina), Londrina, v. 10, n.n.1, p. 27-34, 2001.

HARVEY, D.; **A justiça social e a cidade.** São Paulo: HUCITEC, 1980;

_____; **As Cidades Pequenas na Região Metropolitana de Campinas-SP: Dinâmica Demográfica, Papéis Urbanos e (Re) Produção do Espaço;** Tese de Doutorado; Universidade Estadual Paulista; Rio Claro/SP, 324; 2014.

MOREIRA JUNIOR, O.; **As Cidades Pequenas na Geografia Brasileira**: a construção de uma agenda de pesquisa; GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo, n. 35, 2013, p. 19-33.

_____ ; **As Cidades Pequenas na Geografia Brasileira**: a construção de uma agenda de pesquisa; GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo, n. 35, 2013, p. 19-33.

_____ ; **As Cidades Pequenas Como Componente Curricular para a Geografia Escolar**; Revista Formação (ONLINE) Vol. 2; n. 23, abr/2016. 20-37.

MARTINS, J. S.; **As temporalidades da história na dialética de Lefebvre**. In: MARTINS, J. S. (Org.). Henri Lefebvre e o retorno à dialética. São Paulo: Hucitec, 1996.

MELO, N. A.; **Pequenas cidades na microrregião geográfica de Catalão (GO)**: análises de seus conteúdos e considerações teórico-metodológicas. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2008. 527 p.;

MENDES, M.; MIRANDA, R. B.; COSIO, F. B.; **Transferências intergovernamentais no Brasil**: diagnósticos e proposta de reforma. In: Textos para discussão. Consultoria Legislativa do Senado Federal, nº 40, 2008. 111 p.;

PAIVA, L. M.; **Habitação de Interesse Social e a Produção do Espaço Urbano em São João del-Rei/MG Entre os Anos 2006-2016**. Dissertação em Geografia; Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ); São João del-Rei/MG; 188p; 2017;

PEREIRA, A. M.; **Cidade média e região**: o significado de Montes Claros no Norte de Minas Gerais. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia (MG), 2007. 347 p.;

RÉ, T. M.; BOVO, M. C.; **Pequenas cidades**: uma análise dos referenciais e dos parâmetros conceituais utilizados nas teses e dissertações produzidas entre 2000 e 2010. In: Simpósio Nacional sobre Pequenas Cidades, 2016, Ituiutaba. Cidades Pequenas: dinâmicas, escalas e redes. Ituiutaba: UFU, 2016. v. 1. p. 1-20.

SANTOS, M.; **Espaço e sociedade**: ensaios. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1982b;

_____ ; **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____ ; **Manual de Geografia Urbana**; 2 ed; São Paulo: Hucitec; 1989;

_____; **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____; **A natureza do espaço**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L.; **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**; 16 ed.; Rio de Janeiro/RJ; Editora Record; 2012.

SNICER, F.; **O Espaço Urbano e o Desenvolvimento das Pequenas Cidades**: uma reflexão a partir de um estudo de caso realizado na cidade de Paula Freitas, Paraná; Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia; Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR); União da Vitória-PR, 2015.

SINAPEQ; In **Simpósio Nacional sobre Pequenas Cidades**. Disponível em: <<https://www.sinapeq.com.br/anais>>. Acesso em 12. Set. 2018.

SPOSITO, E. S.; SILVA, P. F. J.; **Cidades Pequenas: Perspectivas Teóricas e Transformações Socioespaciais**; Jundiaí-SP; Paco Editorial: 2013; 146p;

SOARES, B. R.; **As relações sócio/espaciais entre cidades pequenas e médias do interior do Brasil**: um estudo sobre as áreas de cerrado em Minas Gerais. In: 9 Encuentro de Geógrafos de América Latina, 2003, Mérida-México. Reflexiones y responsabilidades de la Geografía en América Latina en el siglo XXI. Cidade do México: UNAM, 2003. p. 1-16.

SOARES, B. R.; MELO, N. A.; **Revisando o tema de cidade pequena**: uma busca de caminhos metodológicos; 1 ed. Uberlândia/MG; Assis Editora, p. 319-346;2008.

SPÓSITO, E. S.; **A vida nas cidades**. 5. ed., 2ª reimpressão. Editora Contexto, 2010. 90p. São Paulo-SP.

VASCONCELOS, P. A.; **As Metamorfoses do Conceito de Cidade**; Mercator, Fortaleza, v. 14, n. 4, Número Especial, p. 17-23, dez. 2015.